

CARTAS DE CLARICE LISPECTOR PARA MORA FUENTES: ENTRE BIOGRAFIA E FICÇÃO*

Thiago Cavalcante Jeronimo**

 <https://orcid.org/0000-0003-4856-8052>

Como citar este artigo: JERONIMO, T. C. Cartas de Clarice Lispector para Mora Fuentes: entre biografia e ficção. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLE-TLT2114522

Submissão: abril de 2021. **Aceite:** maio de 2021.

Resumo: Este artigo, partindo de posicionamentos críticos acerca da trilogia *Todos os contos* (2016), *Todas as crônicas* (2018) e *Todas as cartas* (2020), de Clarice Lispector (1920-1977), recupera para análise quatro correspondências dessa autora direcionadas a José Luís Mora Fuentes (1951-2009). Esses textos, inéditos em suporte livro, foram publicados no jornal *Folha de S.Paulo*, em julho de 2015 e, ao tornarem público o *flerte* entre os escritores, acentuam, também, inferências condizentes às produções ficcionais e jornalísticas de Lispector. Ocorrências que possibilitam a interpretação de que Clarice escreveu/publicou crônicas e contos ainda não catalogados em livros, conforme sinalização materializada neste estudo, fundamentada nas pesquisas de Aparecida Maria Nunes, Nádia Battella Gotlib, entre outros.

Palavras-chave: Clarice Lispector. José Luís Mora Fuentes. Correspondências. Literatura brasileira. Biografia.

* O presente trabalho se inscreve no âmbito do pós-doutoramento que realizo no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2021, sob supervisão do professor doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira.

** Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: thiagocavalcante@ua.pt

Será que você vai se fartar se eu te escrever sempre? Seria bom que você tivesse muita vontade de me escrever. Eu ficaria tranquilo porque saberia que tuas cartas vieram de dentro, não são uma resposta delicada a alguém que te escreve quase sempre.
(Mora Fuentes, 12 de agosto de 1974¹)

TRILOGIA INCOMPLETA: ESCLARECIMENTOS

■ O ano de 2020 marcou o primeiro centenário de Clarice Lispector. A par desse registro, os eventos e as reedições de suas obras ganharam espaço no cenário cultural do Brasil, mesmo que de forma reticente, devido à pandemia da Covid-19. É certo que as circunstâncias de “estado de calamidade pública” (LISPECTOR, 1998a, p. 10), para usar a expressão registrada por Lispector no seu último livro publicado em vida, *A hora da estrela* (1977), desfavoreceram a realização ou a continuidade de alguns eventos. No processo cênico, exposições de peças teatrais acerca da produção da autora, a exemplo do espetáculo *A hora da estrela* – o canto de Macabêa, tiveram suas apresentações adiadas; no âmbito cinematográfico, os filmes *A paixão segundo G. H.*, dirigido por Luiz Fernando Carvalho, e *O livro dos prazeres*, com direção de Marcela Lordy, baseados nos romances *A paixão segundo G. H.* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, respectivamente, seguem sem previsão de lançamento em salas de cinema.

A contrapelo de circunstâncias desfavoráveis, a editora Rocco, detentora de todo o catálogo de livros de Clarice Lispector – romances, contos, crônicas, entrevistas, correspondências, literatura infantojuvenil –, reeditou as obras da escritora com novo projeto gráfico. O processo, iniciado no final de 2019, foi assinado pelo designer-capista Victor Burton (em anos anteriores, premiado com o Jabuti: quatro troféus na categoria projeto editorial; seis na categoria capa). O diferencial que este projeto promove, e cabe a ênfase, é a apresentação ao público de uma faceta pouco divulgada e, por consequência, minimamente conhecida de Lispector: *a Clarice pintora*. Isso porque as capas das novas edições foram enquadradas com telas que a autora pintou, sobretudo na década de 1960. Das 23 pinturas que Clarice produziu, 18 foram usadas para imprimir nova identidade visual em seus livros².

Seguindo-se ao lançamento dos problemáticos compêndios *Todos os contos*, organizado por Benjamin Moser e lançado em 2016, e *Todas as crônicas*, organizado por Pedro Karp Vasquez e lançado em 2018, a editora Rocco, em comemoração ao centenário de Clarice, lançou, no dia 25 de setembro de 2020, o volume *Todas as cartas*. O livro é organizado por Vasquez, Larissa Vaz e Teresa Montero, autora de *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector* (1999). Montero já havia organizado dois volumes de cartas de Clarice no primeiro decênio dos anos 2000: *Correspondências*, lançado em 2002, e *Minhas queridas*, lançado em 2007. Aquele reúne 129 cartas, sendo 70 escritas por Clarice e direcionadas a amigos, familiares, artistas; e 159 cartas passivas, ou seja, que foram endereçadas à escritora. *Minhas queridas*, tendo como título a expressão que a autora direcionava às suas irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lis-

1 “Carta a Olenska” (MORA FUENTES, 1975, p. 120).

2 Registre-se a informação, conforme antecipa Ricardo Iannace em disciplina que oferece na Universidade de São Paulo (“Clarice Lispector: literatura e outras artes”, 2021), de que, somada às 22 pinturas conhecidas de Lispector, marca-se a 23ª, pertencente ao acervo pessoal de Maria Bonomi.

pector, materializa-se com o registro de 120 cartas ativas da autora para suas irmãs mais velhas, mas *não* configura as cartas emitidas por Tania e Elisa que foram direcionadas à Clarice. Curioso esse apagamento...

Todas as cartas leva em seu título uma proposta, antes de tudo, pretensiosa. Pois, como sondar todas as missivas de Clarice em um projeto que, certamente, não viabilizou ao seu leitor a totalidade dos registros ativos e passivos da autora? O volume, além da acentuada imodéstia no título, segue o mesmo processo de organização e seleção das edições que o antecederam – *Todos os contos* e *Todas as crônicas* –, isto é, sinaliza, do ponto de vista paratextual, impropriedade no nome que traz à capa.

Cumprem estes esclarecimentos. A edição *Todos os contos*, organizada por Benjamin Moser, desconsiderou o registro “Explicação”, pertencente ao compêndio *A via crucis do corpo*, como conto³, mas incluiu no volume, dentre outros, textos jornalísticos e dramáticos de Clarice Lispector: a crônica “Mineirinho”, que fora, na verdade, publicada pela primeira vez na revista *Senhor*, em junho de 1962, com o nome de “Um grama de radium – Mineirinho”⁴; e uma peça teatral, “A pecadora queimada e os anjos harmoniosos”, único texto cênico que se conhece de Lispector, publicado na segunda parte do compêndio *A legião estrangeira*, intitulada pela autora como “Fundo de gaveta”, em 1964⁵. Sublinhe-se, ainda, que a edição organizada por Moser não considerou as publicações assinadas por Clarice Lispector na revista paulista *Mais*, nem mesmo na revista portuguesa *Colóquio/Letras*. Naquele periódico, entre 1975 e 1977, a autora publicou crônicas e contos inéditos, a exemplo do texto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”; no veículo português, em maio de 1975, Clarice publicou o texto “Desespero e desenlace às três da tarde”, texto que permanece inédito em livro.

O volume *Todas as crônicas*, por sua vez, dentre algumas falhas, não registra a citada crônica “Mineirinho” e tampouco esclarece, na seção “Critérios editoriais”, que o tal texto foi considerado por Benjamin Moser como gênero conto e por ele registrado, a partir da página 386, em *Todos os contos*. Essa organização, que apresenta deslizos nos critérios da escolha de gêneros textuais, à revelia dos considerados e registrados por Clarice, ignora a singularidade de base estrutural da narrativa clariciana, podendo promover mal-entendidos; ocorrência, aliás, que invalida o caráter transgressor e inovador que é comum ao novelo textual de Clarice Lispector e o adequa a definições que não configuram a real intenção da autora.

Voltando atenção ao compêndio *Todas as cartas*, registre-se a surpresa de Marina Colasanti à proposta que o volume indica em seu título: a completude de cartas de Clarice Lispector. Ao participar do terceiro episódio do *Podcast da Clarice*, nomeado “Felicidade clandestina, o inesperado a cada esquina”, ao lado do editor Pedro Vasquez, e intermediado por Soares Junior, o assunto foi mencionado com o seguinte desdobramento:

- 3 O organizador, em nota explicativa, considera o texto “Explicação” como prefácio, desconsiderando a ironia crítica que Clarice acentua nesse texto – o drama da linguagem, na expressão de Benedito Nunes –, texto que, somado aos outros 13 que compõem *A via crucis do corpo*, indica um diálogo com as 14 etapas da via sacra cristã, metaforicamente aludida no título do volume. Nesse âmbito, o compêndio de Clarice apresenta ao seu leitor a via sacra textual, uma encenação escritural em que conceitos literários, editoriais, sexuais, religiosos são postos no palco da narrativa concernentes à paródia, à ironia etc.
- 4 Indica-se a leitura do artigo “Sem botar banca, Clarice escreve e aguenta o Brasil”, de Aparecida Maria Nunes. Nesse texto, a pesquisadora analisa a crônica citada.
- 5 Nádya Battella Gotlib (2016, p. 62), ao analisar marcas problemáticas existentes na edição organizada por Benjamin Moser, é assertiva em seu posicionamento: “se o que se propõe neste volume de ‘todos os contos’ é mesmo a ‘totalidade’ dos contos, melhor seria separar logo no índice o que é do que não é do conto”.

Pedro Vasquez: *Será que ela [Clarice Lispector] gostaria de ter as cartas reveladas?*

Marina Colasanti: *Eu acho que não. [...] E vocês têm todas as cartas? Porque eu me lembro que, quando Afonso [Romano de Sant'Anna] era diretor da Biblioteca Nacional, a Tania [Kaufmann] doou uma série de cartas. Mas era uma série filtrada. Era uma série censurada.*

Pedro Vasquez: *Em tese, nós estamos tentando colocar todas as cartas de fato, mas, certamente, alguma coisa se perdeu, como sempre, no meio do caminho (SPOTIFY; ROCCO, 2020, grifos nossos).*

Considerando as articulações acima transcritas, pode-se afirmar que o livro *Todas as cartas* não materializou as missivas integrais de Clarice Lispector. Conforme se depreende da fala do editor da Rocco, mais uma vez estamos diante de uma escolha falaciosa de título (estratégia de *marketing?*), à imitação dos nomes adotados nos dois volumes anteriores – *Todos os contos*, *Todas as crônicas* –, que iludem o leitor no tocante à totalidade dos textos em cada volume da trilogia.

Postas essas informações de caráter elucidativo, marcam-se neste ensaio quatro cartas escritas por Clarice Lispector, direcionadas a José Luís Mora Fuentes, em que um teor entusiasticamente romântico se faz anunciado pela remetente. Essas missivas correspondem à fase madura de Clarice – contava a autora 53 anos; o destinatário era um jovem, prestes a publicar seu primeiro livro, Mora Fuentes, de 22 anos. A totalidade desses registros, veiculados pelo jornal *Folha de S.Paulo* no dia 12 de julho de 2015, até o momento não foi publicada em nenhuma compilação de missivas de Lispector; isto é, os textos não integraram o volume recém-lançado *Todas as cartas*; não compuseram os volumes *Correspondências* e *Minhas queridas*, organizados por Montero; nem são aludidos no livro *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*, de Olga Borelli, publicado em 1981. Borelli, nessa sua obra, inclui trechos de cartas de Clarice, sendo algumas delas desconsideradas nas edições dos livros que Montero organizou. Curioso esse apagamento...⁶

Pondo atenção à publicação do jornal *Folha de S.Paulo* concernente às quatro cartas inéditas escritas por Clarice Lispector, *corpus* deste ensaio, o veículo midiático intitulou a manchete como “Cartas de Clarice para Mora Fuentes”, mas não indicou em texto onde e em quais circunstâncias essas correspondências foram encontradas. Apenas as sinalizou com as seguintes legendas:

1. Carta de Clarice Lispector, de 22 de abril de 1974, para Mora Fuentes: “Seu nome é lindo”.
2. Carta de Clarice Lispector, datada de 26 de maio de 1974, para Mora Fuentes: “Eu tenho setecentos anos e às vezes nem sequer ainda nasci”⁷.
3. Carta de Clarice Lispector, datada de 3 de julho de 1974, para Mora Fuentes: “Você veio esquentar meu coração já frio”.
4. Carta de Clarice Lispector, datada de 27 de julho de 1974, para Mora Fuentes: “Não me curta muito, faz mal”.

6 Nádya Battella Gotlib (2017, p. 29), ao analisar as edições de cartas organizadas por Teresa Montero, esclarece que “48 cartas de Clarice às irmãs permanecem inéditas na íntegra, sendo que trechos de algumas delas foram transcritos no livro de Olga Borelli”.

7 A legenda do jornal *Folha de S.Paulo* data a carta como sendo de 1975; porém, a reprodução visual do texto datilografado, que leva a assinatura de Clarice Lispector, registra 1974 como o ano de produção da correspondência.

Do volume de cartas acima referenciado, duas foram manuscritas e as outras duas foram datilografadas⁸, sendo que as quatro cartas levam, à mão, a assinatura de Clarice. Percebe-se, contudo, que a autora escreveu *outras cartas* a Mora Fuentes. Na segunda carta, considerando a ordem cronológica dos registros divulgados pelo jornal, isto é, na correspondência do dia 26 de maio de 1974, Lispector pergunta ao seu interlocutor se ele recebeu a correspondência que ela lhe enviara um dia antes, 25 de maio 1974. Fato que marca o estado de atenção que a autora pareceu nutrir pelo rapaz.

Certa inquietação, por um período, traduz-se no envio de cartas – quase que diárias – de Clarice a Mora Fuentes. Considera-se aqui um dado extraído de uma carta que Lygia Fagundes Telles direcionou à Clarice em 10 de setembro de 1974, isto é, no mesmo ano em que Lispector se corresponde com Mora Fuentes: “Clarice, você me disse que gostava de receber cartas mas que *não gostava de responder*” (TELLES *apud* LISPECTOR, 2002, p. 288, grifos nossos).

Antes de se propor uma leitura das quatro cartas de Clarice Lispector direcionadas a José Luís Mora Fuentes, com aceno a incidentes da vida e às produções ficcional e jornalística da autora, cumpre sinalizar aspectos biográficos de José Luís Mora Fuentes.

JOSÉ LUÍS MORA FUENTES, HILDA HILST E CLARICE LISPECTOR

José Luís Mora Fuentes foi um escritor, artista plástico e jornalista espanhol radicado no Brasil. Nasceu em Valência, em 9 de outubro de 1951, chegando ao Brasil dois anos depois, em 1953. Faleceu em São Paulo, em 13 de junho de 2009, com 57 anos. Sua morte se deu devido a problemas nefrológicos. Segundo explica Leandro Esteves (2018, p. 36):

Mora era enfermizo, seus rins nunca funcionaram e o primeiro de seus dois transplantes (com o rim doado pela mãe, Mari Fuentes) foi pago por Hilda [Hilst]. Por fim, Mora morreria prematuramente, com 57 anos de idade, em decorrência dos muitos tratamentos a que fora obrigado a se submeter.

Em 1975, Mora Fuentes lançou o seu primeiro livro de contos, *O cordeiro da casa* (Editora Quiron). Cinco anos depois, lançou o volume *Fábula de um rumo* (Editora Moderna). Recebeu os prêmios Governador do Estado de São Paulo e Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Mora Fuentes “chegou à Casa do Sol, morada [da escritora] Hilda Hilst [1930-2004], em 1968, com dezoito anos, mas já dedicado à literatura” (ESTEVES, 2018, p. 34). Lá permaneceu como residente até o início dos anos 1980, conforme depoimento de Hilst: “O Mora Fuentes ficou aqui treze anos...” (DINIZ, 2013, p. 209). Após a morte de Hilst, Mora Fuentes funda o centro cultural que leva seu nome, o Instituto Hilda Hilst, gerido, atualmente, pela viúva do escritor, Olga Bilenky, e pelo filho do casal, Daniel Fuentes.

Hilda Hilst e Mora Fuentes nutriram um rápido romance que seria reconfigurado em uma cúmplice amizade: “Hilda-Zê se tornou uma dessas amizades pra

8 Nádya Battella Gotlib (2017, p. 34) elucida que, devido ao acidente ocorrido em 1966 no apartamento de Clarice ocasionando graves problemas em suas mãos, a autora passou a ter “dificuldade de escrever tanto à mão quanto à máquina”. O acidente se efetivou porque Lispector “dormiu com o cigarro aceso, tentou apagar o fogo com as mãos, ficou gravemente ferida e teve de fazer algumas cirurgias reparadoras” (GOTLIB, 2017, p. 34).

lá do corpo, coisa rara de amor puro e comunhão de objetivos. Tratavam-se pelos apelidos de Sapo e Lacraia. Não era humana aquela amizade” (ESTEVES, 2018, p. 35). Em entrevista concedida ao extinto *Jornal Nicolau*, em 1993, Hilda Hilst relembra a paixão por Mora Fuentes e o desdobramento desse acontecimento em sua ficção: “Aos quarenta anos, me apaixonei por um jovem de dezoito anos, o nome dele é Mora Fuentes. Baseada nessa paixão eu escrevi *Agda*, uma personagem que pressentia a velhice diante de um homem mais jovem” (DINIZ, 2013, p. 155).

Contudo, Leandro Carlos Esteves, em ensaio intitulado “O jardineiro da casa”, ao tornar público aspectos biográficos do artista, reafirma o depoimento acima transcrito de Hilda Hilst e o complementa com a revelação de que Mora Fuentes, além de ter tido um relacionamento afetivo com a autora de *A obscena senhora D.* (1982), também se envolveu afetivamente com Clarice Lispector:

Hilda compôs o “corpo-escrita” Agda (em Qadós), sobre o romance que teve com Zé e segue refletindo sobre o envelhecimento da personagem Agda-HH diante do jovem por quem se apaixonara. O contrário também foi copioso, as influências foram tantas que um dos exercícios feitos por algum tempo na Casa do Sol consistia, quando do café da manhã, de Mora ler o que tinha escrito para Hilda e ela comentar: “nessa parte sou eu; nossa! essa ainda é Clarice...” para que o escritor pudesse se despir um pouco tanto da sua amada Hilda quanto de Clarice Lispector, com quem Mora também teve um breve romance (ESTEVES, 2018, p. 34-35).

Sob esse direcionamento, tendo em vista o ano em que Mora Fuentes passa a viver na Casa do Sol, 1968, e o ano da produção das cartas escritas por Clarice e a ele direcionadas, 1974, quase seis anos se passaram do início do envolvimento do autor com Hilda Hilst. Materializam-se, então, análises das quatro correspondências que Lispector destinou a José Luís Mora Fuentes, e, conforme supracitado, foram desconsideradas (censuradas?) à corporificação do recém-volume *Todas as cartas*.

A PRIMEIRA CARTA: A BIOGRAFIA DE CLARICE

A primeira das quatro cartas divulgadas pelo jornal *Folha de S.Paulo*, datada de 22 de abril de 1974, deixa vaziar um encantamento de Clarice pelo escritor Mora Fuentes. “Seu nome é lindo”, entusiasma-se a autora; antes, contudo, trata-o de maneira formal: “Caro Mora Fuentes” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

Embora não haja a divulgação da carta escrita por Mora Fuentes, motivo de resposta de Clarice Lispector, o texto possibilita a inferência de que o jovem acreditava em horóscopos e, na tentativa de saber acerca do mapa astral de Lispector, solicita-lhe dados de seu nascimento. A resposta que Clarice estende ao seu interlocutor acentua aspectos lidos em sua biografia, isto é, a incógnita quanto à idade real da autora: “Não posso fazer horóscopo porque há dúvida: não se sabe se nasci em 23 de novembro ou 10 de dezembro” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). De que ano? Clarice não revela.

Revela, sim, onde nasceu: “numa aldeia da Ucrânia” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). E de forma semelhante ao que registrou em 14 de novembro de

1970, em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, nomeada “Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas”, diz ter chegado ao Brasil com “*apenas dois meses de idade*” (LISPECTOR, 1999, p. 320, grifos da autora). Essa informação, reiterada por Clarice Lispector na carta examinada e na crônica aludida, foi posta em suspenso por Nádya Battella Gotlib. A biógrafa, em um trabalho de vasta sondagem das datas de nascimento comumente apresentadas por Clarice e por documentos oficiais, esclarece que, quando chegou ao Brasil, Lispector “tinha um ano e três meses: era março de 1922” (GOTLIB, 2009, p. 46), sendo “10 de dezembro de 1920 [...] a data que consta na certidão original [de nascimento de Clarice] expedida na Ucrânia” (GOTLIB, 2009, p. 34). A diferença da crônica para a carta se dá por um teor que exprime ainda mais a intimidade: o telefone da remetente, na espera de que seu destinatário o tenha em registro, é grafado: “237-6792” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

A SEGUNDA CARTA: OLENSKA LISPECTOR

A segunda carta atribuída à autoria de Clarice Lispector e direcionada ao escritor Mora Fuentes, diferentemente da primeira, manuscrita, tem seu registro datilografado. À mão está apenas a assinatura da missivista: Clarice. Nessa correspondência, de 26 de maio de 1974, Clarice indaga-o acerca de outra carta que havia direcionado a ele um dia antes, 25 de maio⁹. Fato que evidencia um acentuado grau de preocupação da autora para que sua correspondência fosse efetivamente entregue ao seu destinatário. Na carta do dia 26, Clarice torna a informar Mora Fuentes de que precisará de outro quadro produzido por ele. Pedido que deve ter sido atendido pelo rapaz. Na carta de número 4, de 27 de julho de 1974, subsequentemente analisada, Clarice assinala que já tem três quadros do artista.

Ao indagá-lo acerca do recebimento da carta enviada no dia 25 de maio, diz, ainda, que na alegada carta “falava em eu escrever uma orelha para o seu livro”. E cobra detalhes acerca da produção: “Você não me disse o nome do livro. O nome é muito importante: precisa ser contundente, curto e expressivo” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

Referente ao conselho que a autora oferece ao jovem escritor, preste a publicar o seu primeiro livro de contos, o leitor de *Cartas perto do coração*, volume de cartas publicado por Fernando Sabino, em 2001, em que o autor expõe missivas ativas e passivas que trocou com Lispector, reconhecerá na fala de Clarice estendida a Mora Fuentes a preocupação que a autora nutria para dar título aos seus livros, sobretudo (e as cartas entre os jovens Sabino e Lispector deixam explícito) em relação ao quarto romance da autora, *A maçã no escuro* (1961).

Se a data da carta enviada a Mora Fuentes for considerada maio de 1974, o livro dele mais próximo desse registro se intitula *O cordeiro da casa*. Trata-se de

9 No volume *Todas as cartas foram materializadas* duas cartas de Clarice Lispector a Mora Fuentes. Contudo, não são as cartas que foram divulgadas no jornal *Folha de S.Paulo*. As cartas catalogadas no volume organizado por Vasquez, Vaz e Montero são datadas a 28 de março de 1974 e 25 de maio de 1974 e apresentam um perfil de Clarice mais reservado, mais comedido em relação ao seu interlocutor. Daí a incursão dessas cartas no volume, uma vez que as missivas não expõem a efêmera paixão que a autora estendeu ao jovem espanhol. Marca-se que em *Todas as cartas* há censura, ao menos em dois aspectos: 1. O registro antecipado pelo jornal *Folha de S.Paulo* não foi considerado no volume; 2. Teresa Montero, responsável pela escrita de notas biográficas do volume, omite o possível relacionamento de Clarice Lispector com Mora Fuentes em nota de rodapé (na carta datada a 29 de março de 1974), direcionando apenas o envolvimento de Mora Fuentes com Hilda Hist, conforme transcrição: “Quando Clarice conheceu o jovem escritor de 23 anos [na verdade, 22 anos], ele já tivera seu primeiro contato com a escritora e poeta Hilda Hist, na lendária Casa do Sol, amizade que cultivaria por toda a vida” (MONTERO *apud* LISPECTOR, 2020, p. 773).

um compêndio de contos lançado pela editora Quíron, em 1975, e relançado em 2018 pela editora Patuá. Contudo, diferentemente do que objetiva Clarice na missiva, o livro não tem suas orelhas ou prefácio assinados por Lispector. Porém, de acordo com Leandro Esteves, Clarice é personagem nesse volume. Isso porque, ao menos uma das cartas que Fuentes escreveu à autora foi materializada como conto nesse projeto. Esclarece Esteves (2018, p. 35): “Clarice é a Olenska das cartas que Mora escrevia; uma delas ele inclui no seu primeiro livro”. O conto-carta referido por Esteves foi nomeado por Mora Fuentes como “Carta à Olenska”. Considera-se que, enquanto registro ficcional, compilada em livro de contos, a carta perde sua matriz originária e enquadra-se no protótipo do gênero narrativo conto, isto é, passa a ser ficção. Trechos desse texto serão considerados na análise da quarta carta que Clarice enviou ao autor, uma vez que nele, isto é, no conto-carta, datado de 12 de agosto de 1974, cristalizam-se as respostas de Mora Fuentes à carta recebida por ele em 27 de julho de 1974.

A TERCEIRA CARTA: “JOSÉ LUÍS” E NÃO “CARO MORA FUENTES”

A terceira carta inscrita no jornal *Folha de S.Paulo*, se respeitada sua cronologia (o jornal não a publicou de forma crescente), indica o recebimento de flores enviadas por José Luís a Clarice. Assinalado o dia 3 de julho de 1974 em sua configuração, essa correspondência marca uma diferença em relação às outras missivas: das quatro cartas que Lispector remeteu ao seu interlocutor – divulgadas pelo periódico –, três são direcionadas, em sua abertura, a Mora Fuentes, nome artístico de José Luís Mora Fuentes. A terceira, entretanto, nomeia-o de forma mais próxima, a intensificar intimidade: José Luís. Esse registro aparecerá ao término da quarta carta: “José Luís (não Luisinho)” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

Considerando as contribuições de Silviano Santiago (2002, p. 11) acerca do gênero epistolar, a mudança do nome do interlocutor pode ocasionar “um complexo sistema de dissolução do sujeito (como quero ser visto por fulano e sicrano?)”. O fato de Clarice evocar em sua missiva o nome composto, próprio, de seu interlocutor, flexibiliza uma proximidade entre a autora e o seu correspondente, dissolvendo, como efeito, certo grau de formalidade existente nas outras cartas materializadas, isto é, não mais “Caro Mora Fuentes”, e sim, “José Luís”.

Com essa proximidade, Clarice informa a José Luís que o gesto dele, isto é, o envio de flores, surtiu efeito favorável, ele conseguiu agradá-la e, antes de dizer que “o sorriso” e “o jeito desajeitado” do seu interlocutor estão em sua lembrança, estende a ele a seguinte declaração: “Você veio esquentar meu coração já frio. Senti-me amparada na sua companhia” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

Com essa coloração e esse aquecimento, certo interesse da autora por Mora Fuentes ganha relevo. Os limites sociais são dissolúveis, e o gesto cortês do rapaz move a voz epistolar de Lispector à comunhão de sua intenção. As flores recebidas, atesta Lispector, “pareciam para um casamento” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). Nessa via, a cadeia lexical presente nesta carta – flores, alegria, casamento, esquentar, coração, amparada, companhia, lembrança, sorriso – positivamente revela a felicidade que Clarice experimenta por intermédio da relação que constrói com Mora Fuentes: José Luís.

A QUARTA CARTA: O CONSELHO E INDÍCIOS DE OUTRAS PRODUÇÕES

Passados 24 dias do envio da terceira carta materializada no periódico, isto é, em 27 de julho de 1974, Clarice volta a escrever para Mora Fuentes. “Não me curta muito, faz mal”, é o título que a *Folha de S.Paulo* deu à última carta que compõe a publicação, e é também o conselho que a autora estende ao seu correspondente. Sendo a carta mais longa das quatro divulgadas pelo jornal paulista, apresenta, em função disso, detalhes biográficos que possibilitam interpretações ampliadas. Esse texto contempla em sua efetivação, além do registro amoroso, aspectos que dialogam com a produção ficcional e jornalística de Clarice Lispector, sugerindo, ainda, conforme análises que se seguem, materiais inéditos da obra da escritora que não foram registrados em suporte físico, isto é, em livro.

No que se refere à atmosfera afetiva envolvendo Lispector e Mora Fuentes, a carta, dessa vez datilografada, traz detalhes instigantes. Segundo Clarice, o amor de Mora Fuentes é “tépido e latejante”, ao passo que o dela “é um amor puro [...] que prescinde de contatos físicos” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). A missivista diz que o amor que recebe de seu correspondente não é pesado, pelo contrário, “me deixa toda leve” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). Clarice escreve, a seguir, que recebeu um “bizonte” do escritor¹⁰, e que, embora lindo, ofertou-o a outra pessoa: um amigo. E acentua entre parênteses: “somos apenas grandes amigos” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015, grifo nosso).

A carta segue em seu fluxo narrativo; e, se, na primeira correspondência, Clarice se mostrava agradecida a Mora Fuentes pelo envio de um quadro a ela direcionado, dizendo que providenciaria uma moldura de dois vidros para enquadrar o projeto, nesta ela diz que está “esperando um moldureiro que venha da Espanha para mandar emoldurar o terceiro quadro que *you me trouxe*” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015, grifos nossos). Os grifos postos à referência acima transcrita sinalizam o encontro físico dos escritores. Que, a depender de Clarice, tornaria a acontecer, caso fosse a São Paulo: ficaria hospedada em um hotel, próximo ao apartamento de Mora Fuentes, para que ele pudesse estar perto dela¹¹. Registre-se que em texto publicado como resposta à carta de Clarice, Mora Fuentes pontua: “Me lembro de você quando não te conhecia. Me lembro de você quando te vi pela primeira vez. Tudo tão bonito. Você, santificada. Eu, pequeno e tolo (caracol). Te abraço. Te quero muito. Responda. Mora Fuentes” (MORA FUENTES, 1975, p. 124).

Voltando atenção ao texto de Clarice, a carta passa a ser corporificada em um processo de respostas às perguntas que possivelmente Mora Fuentes havia sinalizado: Clarice se diz satisfeita por não ter um dos seus livros publicados em

10 Clarice registra o termo duas vezes na carta: “bizonte”. O vocábulo mais próximo no dicionário aponta para “bisonte”, animal selvagem da mesma família do búfalo. Este é justamente o título de um dos contos mais emblemáticos de Lispector, publicado em *Laços de família*, 1960. Na carta, entretanto, não é possível identificar a que se referem esses termos, contudo, tendo em vista que Mora Fuentes foi artista plástico e Clarice tinha obras dele em seu apartamento, é provável que a escritora esteja se referindo a algum quadro/obra de arte do autor. Ocorrência validada pelo conto-carta de Mora Fuentes direcionado a Olenska (nome fictício para Clarice Lispector). Nesse texto o autor registra: “Fiz quatro desenhos que parecem muito bons. Pena você não poder ver. Fico contente que você tenha gostado do bisonte” (MORA FUENTES, 1975, p. 123).

11 No conto “Carta à Olenska”, Mora Fuentes (1975, p. 122) registra: “Outra coisa, melhor do que você ir para São Paulo, se você resolver me visitar, seria lindo se você viesse aqui. Em São Paulo, capital, a estória da epidemia está horrível, e aqui na fazenda não há perigo algum. Ou pelo menos, a gravidade é bem menor”. O vocábulo estória, grafado com “e” no texto de Mora Fuentes, aponta para os boatos atrelados à propagação da meningite em meados da década de 1970, isso porque, de acordo com notícia divulgada no jornal *O Globo*, “A epidemia começou em Santo Amaro, na Grande São Paulo, e teve um início insidioso até explodir, causando 2.500 mortes na capital paulistana, em 1974. Mesmo com a incidência de casos saltando a cada ano, e com mortalidade oscilando de 12% a 14% dos doentes, o regime militar escondia os números da população e negava a existência de epidemia” (HELAL FILHO, 2020, grifos nossos).

uma coleção e discorre acerca de sua produção como cronista: “quanto a crônicas, estou me arranjando com elas. Detesto escrever crônicas” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). Essa inclusão de parte de sua vida profissional-jornalística na materialidade da correspondência endereçada a Mora Fuentes sé dá justamente porque, à época desse registro, a jornalista Clarice fora demitida do *Jornal do Brasil*. Nesse periódico, a autora possuía uma coluna sabatina em que publicou suas crônicas de agosto de 1967 a dezembro de 1973 (mais de 300 crônicas). A fala de Lispector, a sinalizar a escrita-arranjo de crônicas, sugere que sua produção em gênero crônica permaneceu ativa após o desligamento do *Jornal do Brasil*. Interpretação abalizada, uma vez que, conforme suprarreferenciado, Clarice teve contos e crônicas publicados na revista *Mais*. Ao sondar essas produções, Aparecida Maria Nunes (2006, p. 12, grifos nossos) assegura que, após o desligamento da autora do *Jornal do Brasil*, Clarice teria “algumas crônicas e até contos inéditos publicados anos mais tarde [1975-1977] por uma revista feminina paulista – *Mais*”¹², e, como supracitado, Clarice publicou conto, ainda inédito em suporte livro, em 1975, na revista portuguesa *Colóquio/Letras*.

Deitando atenção à informação que Clarice apresenta a Mora Fuentes – “detesto escrever crônicas” –, essa inferência pode ser compreendida, conforme pontua Nádia Battella Gotlib (2009, p. 467), “pelo risco da *personalidade*” que a autora deseja evitar, isto é, o receio que ela tinha de se tornar extremamente pessoal nos escritos jornalísticos que levavam sua assinatura: “assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal” (LISPECTOR, 1999, p. 29). Entretanto, em via oposta ao configurado na carta, Clarice demonstra contentamento com sua carreira na imprensa brasileira, conforme fragmento abaixo considerado:¹³

Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mais amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê. E feliz por escrever para os jornais que me infundem respeito [...]. Escrever para um jornal é uma grande experiência que agora renovo, e ser jornalista, como fui, e como sou hoje, é uma grande profissão. O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória (LISPECTOR, 1999, p. 94-95).

A carta segue em seu fluxo narrativo e apresenta uma *encenação* na escritura. “O drama da linguagem”, na expressão alcunhada por Benedito Nunes, ganha a tônica da missiva. Isso porque Clarice põe o seu cachorro, Ulisses, no foco de sua projeção epistolar para escamotear a possível referência ao ato sexual:

Ulisses está impossível. Arranjamos uma cadela para ele e ele, pois bem, deu-lhe uma crise de timidez, ficava se escondendo pelos cantos. Depois farejou-a bem farejadinho. Mas nada aconteceu: acho que ele é novo demais (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015).

12 Esclarece Aparecida Maria Nunes (2013, p. 27): “[...] depois de sete anos assinando coluna no Caderno de Sábado, Clarice é dispensada de suas funções no *JB* em 1973. Nos dois anos subsequentes, a escritora dedica-se à ficção. Lança *Onde estivestes de noite* (1974) e *A via crucis do corpo* (1974), além de obras que compilam parte do material publicado na imprensa: *Visão do esplendor* (1975) reúne textos veiculados em *Senhor* e no *Jornal do Brasil*; e *De corpo inteiro* (1975) seleciona algumas das melhores entrevistas de Clarice em *Manchete* e outras inéditas. Mas, antes de lançar *A hora da estrela* (1977), retorna ao grupo Bloch Editores, entrevistando personalidades para a revista *Fatos & Fotos/Gente* (1976-1977), nos mesmos moldes do que realizou para *Manchete* no final dos anos 1960. E aceita publicar contos e crônicas na revista paulista *Mais*, entre 1975 e 1977”.

13 Nádia Battella Gotlib, considerando a produção que Lispector desenvolveu na imprensa brasileira, acentua: “Sob esse aspecto, a vida jornalística de Clarice Lispector ultrapassa, em tempo, a da sua própria ficção em livro. Nela publica seu primeiro conto, “Triunfo”, em 1940, três anos antes de publicar o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, que surgiu em final de 1943. E nela publica sua última entrevista, em outubro de 1977, dois meses antes de seu falecimento” (GOTLIB *apud* NUNES, 2006, p. 10).

O trecho acima destacado apresenta dois desdobramentos no nível do discurso. Se considerado denotativamente, Clarice, de fato, teve um cachorro que se chamava Ulisses. No entanto, se for considerado o longo espaço temporal que separa as idades de Lispector e de Mora Fuentes, a metáfora, recurso discursivo entendido como uma “[...] ilusão de referencialidade” (FIORIN, 1988, p. 63), é figurada no cão – tímido e novo para o acasalamento – *encenando* a escrita da autora quanto ao assunto sexual que direciona ao seu correspondente.

Preparando o desfecho da missiva, Clarice, então, fala a respeito da sua recente publicação, o livro *A via crucis do corpo*: “Não me lembro se lhe dei *A via crucis do corpo* ou não lhe dei. Em todo o caso vai um aí” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). Esse livro acentua na produção da ficcionista uma linguagem concreta, com enredos fortes, permeados pela sexualidade explícita e libidinosa, pelo desprendimento de normas sociais ou de bom pudor. Ocorrência que *dramatiza* a linguagem literária da autora em intensa crítica no âmbito social, privado (sexual) e religioso. Críticas, no caso, marcadas pela ironia, figura retórica, conforme afiança Beth Brait (2008, p. 17), depreendida como “categoria estruturadora de texto, cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação”¹⁴.

Interessa marcar neste estudo que o segundo texto do volume *A via crucis do corpo*, “Miss Algrave”, apresenta uma personagem, homônima ao título do conto, que se apresenta pela *capa superficial* de uma santidade-social: é virgem, filha de pastor protestante, lê a Bíblia, canta no coral etc. Esse modelo exemplar, estereotipado, se considerado o papel que a sociedade direciona à mulher dos anos 1970 – casta –, é encenado e ironizado por Clarice, pois, para Miss Algrave, em sua *epifania privada* o prazer sexual é exaltado, mas no âmbito social é por ela recriminado:

A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocara jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão (LISPECTOR, 1998b, p. 15-16).

Com essa coloração, temáticas do conto em questão são aproveitadas, *encenadas*, na carta com o mesmo recurso discursivo: a ambivalência condizente à ironia.

Na abertura da carta-resposta que Mora Fuentes escreveu à Clarice, transformada em conto no seu primeiro livro, *O cordeiro da casa*, Ulisses é posto em cena no primeiro parágrafo do texto, mas sem a conotação sexual evidenciada na missiva da autora.

Madrugada, 12 de agosto de 1974

Eu queria te dizer como é a minha noite, como é aqui quando é de noite. São quatro horas da madrugada. Você já acordou? Deves estar pondo ordem nos papéis, Ulisses te faz companhia. Então, hoje, estamos os três juntos (MORA FUENTES, 1975, p. 119).

¹⁴ Beth Brait (2008, p. 126) esclarece que “o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla leitura, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de coprodutor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor”.

O escrito ficcional acima transposto ganha projeção neste ensaio porque apresenta marcas de respostas da carta enviada por Clarice no dia 27 de julho de 1974, a quarta carta publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Nele, além da alusão que o autor faz aos papéis de Clarice (as crônicas que a autora escrevia à época), marcam-se as referências que o autor faz da possível ida de Clarice a São Paulo, a epidemia de meningite que assolava o país, sobretudo a capital paulista, a criação de desenhos/quadros, a exemplo do “Bisonte”, entre outras referências que possibilitam a compreensão da resposta do autor à carta de Lispector.

Por fim, considerando o desfecho da última missiva de Clarice a Mora Fuentes divulgada pela *Folha de S.Paulo*, a escritora dá um conselho ao seu interlocutor: “José Luís (não Luisinho) [...] não me curte não, não se magoe” (LISPECTOR *apud* CARTAS, 2015). Conselho que, de acordo com os postulados de Michel Foucault (2004, p. 154), pode ser entendido em espelho; isto é, ao aconselhar o seu interlocutor, Clarice aconselha a si mesma:

A carta que é enviada para ajudar seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui para aquele que escreve uma espécie de treino: um pouco como os soldados que em tempos de paz se exercitam no manejo das armas, os conselhos que são dados aos outros na urgência de sua situação são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante.

Nesse veio, as expressões existentes na carta em sua negativa – “não me curte”, “não se magoe” – servem à missivista de autoexame, uma vez que “a reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame” (FOUCAULT, 2004, p. 156). O medo de se ferir, de se magoar, merece ser sondado à luz da questão temporal, datada, e social de Clarice Lispector. Nesse sentido, os conselhos dados ao jovem Mora Fuentes espelham-se em Lispector, refletindo, neste artigo, como um modalizador criado pela autora: “A escrita que ajuda o destinatário arma aquele que escreve – e eventualmente terceiros que a leiam” (FOUCAULT, 2004, p. 155).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem escrito acerca da produção de Clarice Lispector desde os primeiros textos críticos, que surgiram seguidamente à publicação de seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem* (1943). A obra da autora, híbrida e heterogênea em sua configuração, além de apontar para uma ficção sem rédeas ou apriorismos, vislumbra um “esboço de um possível retrato” da pessoa Clarice. Sob esse entendimento, isto é, entre biografia e ficção, este artigo examinou cartas inéditas de Lispector que foram direcionadas a José Luís Mora Fuentes, as quais, ainda hoje, cerca de 47 anos após a data efetiva de suas produções, permanecem inéditas em suporte livro.

Por intermédio do exame analítico destas cartas, além de sinalizar o *amitié amoureuse* entre os dois escritores, foi possível apontar que a autora continuou a produzir textos para jornais – crônicas e contos –, mesmo depois de seu desligamento do *Jornal do Brasil*, ocorrido no final de 1973. Um desses textos, publicado como conto e nomeado “Desespero e desenlace às três horas da tarde”, assim como as quatro cartas referidas, não compõem nenhum volume ou compêndio dos livros de Clarice Lispector.

Sob essa premissa, averiguou-se que a trilogia *Todos os contos* (2016), *Todas as crônicas* (2018) e *Todas as cartas* (2020) vacila em seus critérios editoriais, posto que, além de os editores embaralharem os textos de Clarice Lispector, de acordo com o entendimento que quiseram direcionar ao conjunto de sua obra, desconsiderando estruturas textuais por ela desenvolvidos, sublinhe-se, ainda, que o modalizador escolhido para nomear os volumes – *Todos/Todas* – ilude o possível leitor no tocante a essas compilações.

A ilusão seguramente associada a uma apelação de *marketing* por parte dos editores falha diante da constatação neste artigo reiterada: contos não foram coligidos no volume *Todos os contos*; crônicas não foram registradas no compêndio *Todas as crônicas* e *Todas as cartas* se materializou na incompletude.

CLARICE LISPECTOR'S LETTERS TO MORA FUENTES: BETWEEN BIOGRAPHY AND FICTION

Abstract: After carrying out a critical examination of the edition of Lispector's trilogy *The complete stories* (2016), *Todas as crônicas* (2018), and *Todas as cartas* (2020), this article provides a close reading of the four letters Lispector addressed to José Luís Mora Fuentes (1951-2009). These texts, yet unpublished in book form, were first printed in July 2015 in the newspaper *Folha de S.Paulo* and, by bringing to light the brief romance involving both writers, have also highlighted inferences consistent with Lispector's fictional and journalistic production. These references ground the interpretation that Lispector wrote short stories and chronicles that still remain unpublished in volume form, as suggested by the research carried out by Aparecida Maria Nunes and Nádia Battella Gotlib, among others.

Keywords: Clarice Lispector. José Luís Mora Fuentes. Correspondence. Brazilian literature. Biography.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- CARTAS de Clarice Lispector para Mora Fuentes. *Folha de S.Paulo*, 12 jul. 2015. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/36650-cartas-de-clarice-para-mora-fuentes>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- DINIZ, C. (org.). *Fico besta quando me entendem*: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.
- ESTEVES, L. C. O jardineiro da casa: passada a paixão inicial, a relação entre Hilda Hilst e Mora Fuentes transcendeu o corpo e fecundou a literatura de ambos. *Revista Cult*, Dossiê Hilda Hilst, ano 21, n. 233, p. 33-36, abr. 2018.
- FIORIN, J. L. As figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. *Revista Alfa*, São Paulo, p. 53-67, 1988.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*: ética, sexualidade e política. Tradução Elisa Monteiro e Inês Altran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 144-162. 5 v.

- GOTLIB, N. B. *Clarice, uma vida que se conta*. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2009.
- GOTLIB, N. B. De cuentos reunidos a *Todos os contos*: especialista em Clarice questiona o critério adotado em recentes edições de obras da autora. *Revista Cult*, São Paulo, ano 19, n. 214, p. 58-63, jul. 2016.
- GOTLIB, N. B. Três cartas de Clarice Lispector: o imprevisto. A força da vocação para a literatura revela-se em diferentes instâncias do repertório epistolográfico da escritora. *Revista Cult*, Dossiê Clarice Lispector: rara e inédita, São Paulo, ano 20, n. 229, p. 29-36, nov. 2017.
- HELAL FILHO, W. A epidemia de meningite que a ditadura militar no Brasil tentou esconder da população. *O Globo*, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/epidemia-de-meningite-que-ditadura-militar-no-brasil-tentou-esconder-da-populacao.html>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- LISPECTOR, C. Um grama de radium – Mineirinho. *Revista Senhor*, Rio de Janeiro, p. 16-19, jun. 1962.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, C. *Correspondências*. Organização Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LISPECTOR, C. *Todos os contos*. Organização Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, C. *Todas as crônicas*. Prefácio Marina Colasanti; organização Pedro Karp Vasquez; pesquisa textual Larissa Vaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- LISPECTOR, C. *Todas as cartas*. Prefácio e notas bibliográficas Teresa Montero; posfácio Pedro Karp Vasquez; pesquisa textual e transcrição das cartas Larissa Vaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MORA FUENTES, J. L. *O cordeiro da casa*: ficções. São Paulo: Quíron, 1975.
- NUNES, A. M. Clarice Lispector jornalista feminina. In: LISPECTOR, C. *Correio feminino*. Organização Maria Aparecida Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- NUNES, A. M. Sem botar banca, Clarice escreve e aguenta o Brasil. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 33, p. 13, 2012.
- NUNES, A. M. A ficção de Clarice Lispector na revista paulista *Mais*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA E GÊNERO, 1., 2013, São José do Rio Preto. *Anais...* São José do Rio Preto: Unesp, 2013. p. 18-21.
- SABINO, F.; LISPECTOR, C. *Cartas perto do coração*: dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: FROTA, L. C. (org.). *Carlos e Mário*: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33.
- SPOTIFY; ROCCO. “Felicidade clandestina – o inesperado a cada esquina”. *Podcast da Clarice*. Publicado em 10 mar. 2020. Com Soares Júnior, Marina Colasanti, Pedro Vasquez. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4fG02kIRBabAhRyxc4Y8cW>. Acesso em: 14 jun. 2021.